
ESPORTE, CULTURA CORPORAL E HEGEMONIA

DEPORTE, CULTURA Y CUERPO HEGEMONÍA

SPORT, CULTURE AND BODY HEGEMONY

Gabriel Pereira Paes Neto¹

Renan Santos Furtado²

Ney Cristina Monteiro de Oliveira³

Resumo: Trata-se de pesquisa bibliográfica na qual analisamos o esporte, suas contradições na escola e suas possibilidades a partir da prática pedagógica com fundamentação na cultura corporal. Analisamos que o esporte pode ser entendido como um aparelho privado de hegemonia, diante de projetos sociais diferentes, difundidos e disputados, integrando o Estado em sentido ampliado, sendo atravessado pela luta de classes. O esporte é um fenômeno próprio dos seres humanos e que se constitui como parte do conjunto do saber sobre a produção humana e que deve ser socializado à humanidade numa perspectiva emancipatória, atrelada a um projeto formador e revolucionário, o socialista.

Palavras Chave: Esporte. Cultura Corporal. Hegemonia.

Resumen: Es la literatura en la que se analiza el deporte, sus contradicciones en la escuela y sus posibilidades de la práctica pedagógica con conexión a tierra en la cultura del cuerpo. Hemos analizado el deporte puede ser entendido como un aparato privado de la hegemonía, ante diferentes proyectos sociales, difundidas y jugados, la integración del Estado en sentido amplio, siendo atravesada por la lucha de clases. El deporte es un fenómeno de los seres humanos y que se constituye como parte del conjunto de conocimientos sobre la producción humana y debe ser socializado la humanidad una perspectiva emancipatoria, vinculado a un entrenador y proyecto revolucionario, el socialista.

Palabras clave: Deporte. La cultura del cuerpo. Hegemonía.

Abstract: This is a literature in which we analyze the sport, its contradictions in the school and its possibilities from the pedagogical practice with grounding in body culture. We have analyzed the sport can be understood as a private apparatus of hegemony, before different societal projects, disseminated and played, integrating the state in extended sense, being crossed by the class struggle. Sport is a phenomenon of human beings and that is constituted as part of the set of knowledge on human production and should be socialized humanity an emancipatory perspective, linked to a trainer and revolutionary project, the socialist.

Keywords: Sport. Body culture. Hegemony.

Introdução

Nesta pesquisa analisamos o esporte, suas contradições na escola e suas possibilidades a partir da prática pedagógica com fundamentação na cultura corporal e como um aparelho privado de hegemonia, diante de projetos sociais diferentes, difundidos e disputados, integrando o Estado em sentido ampliado, sendo atravessado pela luta de classes.

O esporte é um fenômeno próprio dos seres humanos e que se constitui como parte do conjunto do saber sobre a produção humana e que deve ser socializado à humanidade numa perspectiva emancipatória, atrelada a um projeto formador e revolucionário, o socialista.

Sendo importante superarmos as determinações do objeto, retirar a camuflagem da mesma, e por via dialética chegarmos ao real concreto, considerando a relevância do procedimento adotado para a coleta e análise dos dados, realizamos uma pesquisa bibliográfica.

De acordo com Silvio Gamboa (2009), existem diversos modos de relacionar o sujeito e o objeto da pesquisa, no que se refere ao processo de pesquisa e de sistematização do conhecimento. Optou-se pelo materialismo histórico dialético como a lente que ajudou a olhar o objeto desta pesquisa, para o processo analítico necessário para a análise do real, do concreto pensado do objeto, o qual se encontra inserido no seio das contradições e determinações da sociedade do capital.

Contudo, nosso objetivo com a pesquisa foi analisar o esporte como uma prática corporal que deve ser vivenciada na escola e como aparelho privado de hegemonia. Portanto, tivemos como problema de pesquisa: quais as possibilidades pedagógicas do esporte a partir da cultura corporal e como aparelho privado de hegemonia?

Esporte, cultura corporal e formação humana

De acordo com Taffarel (2012), os esportes tiveram sua gênese em um processo histórico que decorreu do trabalho. Assim, o esporte é um importante conteúdo da cultura corporal e abordado como uma atividade histórica, culturalmente desenvolvida. Assim, sua gênese e desenvolvimento estão ligados ao processo de trabalho e de construção da cultura humana.

Segundo Escobar e Taffarel (2009), a cultura é o produto da vida e da atividade do homem. É um fenômeno social pertinente ao desenvolvimento histórico, ou seja, está relacionada diretamente com o trabalho, as relações objetivas materiais, reais, dos homens com a natureza e com os outros homens.

De acordo com Saviani e Duarte (2012), o processo evolutivo foi marcado por saltos ontológicos, ou seja, em um salto ontológico surge uma nova esfera do ser. O primeiro salto ontológico foi o da passagem do ser inanimado ao ser vivo e o segundo salto ontológico foi o da passagem do ser biológico ao ser social. Assim, tal como a educação, o esporte pode ser objeto da reflexão ontológica e ser compreendido em uma perspectiva historicista, ao se considerar que “[...] o desenvolvimento da humanidade é analisado como um processo histórico contraditório, heterogêneo, que se realiza por meio das concretas relações sociais de dominação que têm caracterizado a história humana até aqui”. (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 39)

De acordo com Newton Duarte (2004), no processo de produção da história, a atividade humana se tornou possível por meio de uma organização corporal, enquanto transformação ativa e vital, ou seja, o trabalho, em meio à alteração da natureza, que, por sua vez, acontece em sintonia com as necessidades socialmente elaboradas. Diante desses elementos, o autor defende que há uma diferença ontológica entre o gênero humano e a espécie humana, pois a espécie humana é determinada pelas leis biogenéticas do desenvolvimento (mecanismos de seleção natural e de herança genética), enquanto o gênero humano é desenvolvido através de leis sociais e históricas.

De acordo com Newton Duarte (2004, p. 47-48), “[...] os seres humanos, a partir de certo ponto da evolução natural (biológica), tornaram-se biologicamente aptos à realização de uma atividade chamada trabalho”, passando a agir para produzir os meios de satisfação das necessidades humanas e não necessariamente imediatamente para os fins. No decorrer do processo histórico de existência humana, as atividades de produção dos meios de satisfação das necessidades ocasionou o surgimento de novas necessidades, inclusive ligadas à produção de relações sociais, as quais foram adquirindo uma existência objetiva.

Saviani e Duarte (2012, p. 50) explicam que “[...] a apropriação da cultura é o processo mediador entre o processo histórico de formação do gênero humano e o processo de formação de cada indivíduo como um ser humano”. O autor explica também que “[...] a relação entre os indivíduos e a história social é mediatizada pela apropriação dos fenômenos culturais resultantes da prática social objetivadora” (DUARTE, N., 2004, p. 51), considerando também que o processo de objetivação do gênero humano é cumulativo.

De acordo com Saviani (2008), a educação, além de existir concretamente, é a transformação da natureza, além de processar a segunda natureza humana. Nesse sentido, analisou-se que as práticas corporais que constituem a educação física, assim como o esporte, são fenômenos próprios dos seres humanos, da cultura, e que, em perspectiva educativa, constituem-se como parte do conjunto do saber sobre a produção humana e que devem ser socializadas à humanidade. Para Escobar e Taffarel (2009), é necessário entender as atividades esportivas como atividade não material, o que não significa desconsiderar que elas advêm do processo produtivo e que estão inseridas nas relações contraditórias das classes sociais.

Portanto, o esporte é uma prática que, além de suas peculiaridades motoras, orgânicas, fisiológicas, é incluída no sistema de relações da sociedade. Esta prática corporal tem uma natureza complexa e, ainda, a subjetividade e as contradições entre os significados de sua natureza social e os sentidos atribuídos e de natureza pessoal que as envolvem não permitem a sua simples definição de ação motora.

O paradigma da cultura corporal sugere a prática pedagógica comprometida com a transformação social. De acordo com Carmen Soares e outros autores (2009), é necessário o trato do esporte em uma perspectiva dialética, na qual possa desenvolver a compreensão de que os conteúdos são dados da realidade. Porém, a perspectiva predominante nas escolas é a do esporte de rendimento, inserida nas mediações de manutenção da estrutura da sociedade capitalista, limitada ao exercício de atividades corporais, na lógica do máximo rendimento de sua capacidade física.

Sabe-se que o fenômeno esporte é muito assistido e reverenciado pela sociedade contemporânea e que exerce influência significativa sobre ela, ou seja, influencia no gosto das pessoas, no modo de se vestir, no modo de agir, nos sonhos, nas relações de poder, etc. Portanto, o mesmo acompanhou o desenvolvimento da modernidade e a influenciou, isto porque contribui para a ratificação do ideário capitalista e sua reprodução social.

Em meados do século XVIII, o esporte foi assumido como discurso ideológico da burguesia e contribuía para a materialização de uma situação de injustiças sociais e desumanização no mundo moderno. Assim, a partir da relação do esporte com o modo de produção capitalista, percebe-se que o esporte moderno foi “organizado” por regras, movido e envolvido pelo “espírito” de competição, pelo ideal de disciplina e de superação de recordes.

Considerando que a revolução industrial influenciou a mudança na forma de se produzir e pensar o mundo, então, o pensamento racional foi direcionado para as formas de otimização da produção, através de processos que visavam contribuir com a essência do sistema capitalista, ou seja, o acúmulo de capitais em cima da exploração do trabalho alheio.

Outro elemento da ligação entre esporte e capitalismo é a sua característica de padronização, sobretudo, a questão dos regulamentos das disputas. Sigoli e Rose Júnior (2004) versam que o esporte foi “organizado” por regras, movida e envolvida pelo “espírito” de competição, etc. está relacionado aos processos de industrialização e urbanização da modernidade, assim como o modo de vida que se demandava pelos burgueses.

Nesse contexto, os jogos populares ingleses, segundo Bracht (2005), eram manifestações do folclore inglês da época. Eram vivenciados, sobretudo, pelas classes populares, inclusive pela própria burguesia. Estes jogos eram ligados às festas religiosas, bem como às festas relacionadas às colheitas da agricultura e que envolviam dança, descontração, confraternização e comemoração. A partir das novas relações impostas, além das transformações da economia e da indústria, modificaram-se os valores e as condições de vida. A partir do momento em que a burguesia tomou o poder político, houve a transformação dos jogos populares, bem como do significado que estes carregavam, que era o de instrumento de memória, de cultura e de luta do povo.

Durante o século XX, o esporte cresceu gradativamente, acompanhou o crescimento de mídias, como o rádio, a TV e a internet, relacionou-se com disputas políticas, sobretudo, a guerra fria. Segundo Sigoli e Rose Júnior (2004), a disputa entre a URSS e os EUA na guerra fria (ocorridas nas décadas de 50, 60, 70 e 80), a qual foi caracterizada pela disputa ideológica e estratégica entre o bloco socialista e o capitalista, potencializou o uso do esporte. Segundo os autores, a disputa no campo esportivo ganhou grande destaque, inclusive na continuidade dos jogos olímpicos.

Sigoli e Rose Júnior (2004) analisam que nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, o esporte passou a compor as estruturas neoliberais da economia de mercado, onde se relaciona com interesses das corporações transnacionais e com mercado mundial. Ainda, Sigoli e Rose Júnior (2004, p. 118) mencionam que o esporte tem características que o tornam favorável à utilização em sentido político: “É uma atividade com regras de fácil compreensão, sendo utilizado como elemento de comunicação de massa portador de uma linguagem simples”.

Por outro lado, no que se refere ao debate a partir de um referencial gramsciano, segundo Luís Duarte (2012), o esporte deve ser entendido como um aparelho “privado” de hegemonia, projetos societários diferentes, elaboradas, difundidas e disputadas, então, o esporte integra o “Estado em sentido

ampliado” e é atravessado pela luta de classes. O autor menciona que, para Gramsci, “[...] a luta cultural e ideológica tem um valor central no processo de reafirmação da dominação”, assim, “[...] a batalha cultural é um elemento chave na disputa por hegemonia, e o esporte ocupa uma posição estratégica nesse combate”. (DUARTE, L., 2012, p. 301)

Segundo Luís Duarte (2012), o conceito de hegemonia foi reelaborado por Gramsci, que constituiria uma alternativa radical, fecunda e rigorosa aos estudos do esporte, que possibilitaria análises tanto do conformismo e da resistência inerente a esse fenômeno, caracterizando suas ambiguidades.

Gramsci (2012) ampliou o conceito de Estado, sem deixar de compreender que, para os liberais, o Estado e a sociedade civil seriam mera organização administrativa, jurídica e militar do aparelho governamental em prol da burguesia. Esta organização seria o Estado “guarda noturno”, logrado para ser o fiador da paz, da segurança e da ordem burguesa. Segundo o autor, hegemonicamente a burguesia educa o povo afirmando que a sociedade civil seria a esfera da liberdade, políticas, econômicas, culturais, educacionais, sociais, etc. na sociedade moderna.

Para Gramsci (2012), não há uma “distinção orgânica” entre Estado e sociedade, pois a distinção entre estrutura e superestrutura é apenas metodológica, não orgânica. Contudo, reafirma-se que o Estado é o instrumento para adequar a sociedade civil à sociedade econômica. Todavia, o Estado seria um instrumento para garantir as condições da produção, mas também seria aparelho ideológico. A economia seria a estrutura, já a sociedade civil e o Estado fariam parte da superestrutura. Isto significa que por “Estado” deve-se entender, além do aparelho de governo, também o aparelho “privado” de hegemonia ou “sociedade civil”.

Trata-se, portanto, do Estado ampliado. De acordo com Carlos Nelson Coutinho (2003), a política é o núcleo central da teoria de Gramsci e isso fornece sentido à articulação de todas as suas investigações, sendo o conceito mais concreto de sua teoria o de Estado ampliado (sociedade política + sociedade civil, coerção + consenso, ditadura + hegemonia, etc.). Nesse contexto, o Estado surge como instrumento de uma classe, mas se torna alvo de disputa entre classes pela hegemonia. A análise da hegemonia se dá junto à análise crítica da política e da cultura, ou seja, a hegemonia também é uma relação pedagógica.

Para Gramsci (2012), é fundamental uma sociedade civil democrático-radical, onde a política comande, em uma estratégia de poder e hegemonia, na qual a escola pode ter um papel preponderante. Considerar que a sociedade civil se articula dialeticamente ao Estado, tanto como expressão jurídica, como condensação política da luta de classes ou como aparato de governo, é tratar de um conceito amplo e complexo, mas é, também, a possibilidade de tratar de um projeto político de uma nova sociedade.

No embate hegemônico, é necessário que os subalternos tenham mecanismos para politizar as ações e consciências de forma radical, democrática e participativa. As objetivações que formam a democracia moderna surgem como respostas dadas ao embate dos trabalhadores por socialização da participação política, ou seja, pela luta dos trabalhadores. Na fase de transição para o socialismo e no próprio socialismo, devem continuar a ocorrer situações em que só a democracia política poderá resolver.

O processo de democratização se manifesta, assim como as forças produtivas necessárias à criação de uma nova ordem econômico-social e se desenvolvem no interior da sociedade capitalista, mas, com elementos de uma democracia de massas.

Gramsci constatou que a dinâmica da sociedade moderna tem se dado por movimentos históricos de disputas, assim trata esse movimento de revolução-restauração. As revoluções são acompanhadas e sucedidas por processos de restauração, sendo que esta dialética depende da consciência histórica das classes antagônicas. Segundo Coutinho (2008), o aspecto restaurador não anula o fato de que ocorrem também modificações efetivas. Todavia, para Gramsci (2011), o que está em disputa não é apenas uma mera reforma da sociedade atual, mas sim um processo de disputa que pode e deve gerar uma sociedade autorregulada. Para isso, Gramsci elabora o conceito de revolução passiva. Poder-se-ia dizer que na revolução passiva as classes dominantes reagem às pressões que vêm das classes subalternas. A revolução passiva implica em reivindicações vindas de baixo, ao lado da conservação do domínio das velhas classes, introduzem-se modificações que abrem o caminho para novas modificações e revoluções.

Gramsci reafirma dois princípios marxianos presentes no prefácio à contribuição a crítica da economia política: “nenhuma formação social desaparece enquanto as forças produtivas que nela se desenvolveram ainda encontrarem lugar para um novo movimento progressista” e “a sociedade não põe tarefas para cuja solução ainda não tenham germinado as condições necessárias, etc.” para caracterizar o conceito de “revolução passiva”.

Ainda, Gramsci (2011), mencionando o livro *miséria da filosofia*, afirma que os sujeitos devem procurar lançar na luta todos os seus recursos políticos e morais. Assim, para o autor, as possibilidades de luta vão se desenvolvendo. Portanto, se trata de ampliar a lógica da luta de classes, pois é necessário entender a importância da luta na base material do campo cultural, superar as concepções abstratas e “transmitir mensagens críticas e antagônicas ao capitalismo”, o que pressupõe a ampliação na concepção de sujeito da revolução, a construção do homem novo, capaz de se tornar dirigente e de construir a sociedade socialista, Gramsci (2011, p. 318).

Diante do exposto, compreende-se a importância da educação, da escola e do próprio esporte para a formação dos sujeitos de classe, intelectuais orgânicos, trabalhadores, professores, operários, alunos, médicos, enfermeiros, carpinteiros, etc., ampliando as possibilidades para a hegemonia dos trabalhadores. Para Coutinho (2008), não se trata de abandonar o “objetivo final” e nem de abandonar a luta pelo projeto histórico socialista, pois é este que dará a pauta para a hierarquização das reformas, para a definição dos atores e das alianças, além da avaliação constante.

Trata-se de suprimir as relações de produção capitalistas, o que permitirá que as forças produtivas se desenvolvam no sentido da emancipação humana, suprimindo a dominação burguesa sobre o Estado, o que permitirá que esses institutos políticos democráticos possam alcançar o pleno desenvolvimento. Para o autor a plena realização socialista do homem requer a supressão da apropriação privada dos meios de produção e da democracia burguesa. Requer, também, a superação da alienação econômica e política.

Para Coutinho (2008), o socialismo é uma nova e inédita ordem social, na qual surgirá uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é pressuposto para o livre desenvolvimento de todos. O socialismo é um caminho e é o movimento real para a superação das contradições do capitalismo. Assim, trata-se de movimento progressivo em busca da emancipação humana. Contudo, a escola é atravessada pela luta de classes e considera-se fundamental o papel contra hegemônico que a escola pode ter.

De acordo com Souza (2009), não devemos negar a prática do esporte, mesmo sabendo todos os seus condicionantes e modelos, sendo relevante apresentar outras possibilidades para a prática do esporte no âmbito escolar. A autora reafirma suas bases epistemológicas trazendo firmemente as afirmações de Gramsci sobre educação, política e conhecimento, e fazendo uma análise do que são os passos pedagógicos da mesma.

Já de acordo com Pina (2010), reafirmando a necessidade de transmissão do saber sistematizado como parte do processo de desmitificação do esporte na escola. Apontamos para uma prática pedagógica orientada pelos fundamentos teóricos e metodológicos da educação física crítico-superadora, o paradigma da cultura corporal, bem como no método dialético.

Sobre tais possibilidades, Saviani menciona que práxis dialética é o desenvolvimento da ideia pela sucessão de momentos de afirmação (tese), de negação (antítese) e de negação da negação (síntese) e que a filosofia da práxis (Marxismo) é a teoria que está empenhada em articular a teoria e a prática. Neste sentido, a categoria mediação (problematização, instrumentalização, catarse – movimento pelo qual se passa da síncrese para a síntese no processo pedagógico) é fundamental no interior da prática social global, assim como nas aulas. Nesse sentido, o professor é o responsável por mediar o conhecimento ao aluno. Desta forma o processo pedagógico permitirá que o aluno, no ponto de chegada, possa estabelecer também uma relação sintética e uma nova prática social.

De acordo com Pina (2010) é necessário aproximar os alunos do saber sistematizado sobre o tema, o que significa a apropriação de novos instrumentos culturais por meio dos quais se torna possível atribuir um novo significado ao esporte. Portanto, o processo pedagógico deve situar o esporte como uma prática social, assim, uma ação consciente em prol da transformação da realidade.

Assim, é necessária uma nova práxis, uma nova realidade, um novo trabalho sobre o esporte na escola. Encaminhando análise nessa perspectiva, com base no Soares e outros autores (2009), sobre a importância e sobre as funções da educação física e, conseqüentemente, sobre o esporte, compreende-se que a especificidade da prática do professor de educação física é a cultura corporal, a qual se insere na relação do sentido-significado do movimento em relação aos conteúdos e sua relação com a intersubjetividade, a subjetividade de sujeitos diversos.

De acordo com Soares e outros autores (2009), para se trabalhar com o conteúdo esporte o professor precisa reconhecer a materialidade corpórea e a evolução da cultura corporal, tratar os conhecimentos desde sua gênese e seu desenvolvimento histórico, buscar ampliar de forma crítica as análises de forma espiralada. É preciso que o professor resgate valores que privilegiam a coletividade, o

compromisso da solidariedade e respeito humano, que desmitifiquem o esporte, que o critiquem, mas também que trabalhem seus conhecimentos técnicos, táticos e suas regras.

Entende-se que se deve trabalhar com uma nova perspectiva de esporte, ou seja, trabalhar o domínio do saber fazer esportivo, realizar aulas que possibilitem o conhecimento dos elementos técnicos e táticos dos esportes, precisa-se trabalhar a reflexão crítica dos alunos através de uma leitura dialética do desenvolvimento desta prática corporal enquanto fenômeno humano, tal como suas relações com a saúde e o corpo, o desenvolvimento histórico das práticas corporais, as olimpíadas, o esporte moderno, etc. Ainda seria necessário problematizar as suas relações com a política e com o sociometabolismo do capital.

Entende-se que é necessário pesquisar a respeito da origem histórica, regras e evolução das práticas corporais, a valorização de cada prática como momento de convivência em grupo, o respeito à diversidade de habilidades e características particulares do grupo. No mesmo contexto, ressalta-se que é preciso debater as situações de conflitos que possam surgir durante as práticas, debater os significados da vitória e da derrota presentes nos jogos e esportes, sem deixar de relacioná-los com as estratégias utilizadas. É de suma importância, também, estabelecer a relação entre o desenvolvimento das habilidades motoras com as características pessoais, atividades adaptadas que favoreçam o desenvolvimento de diferentes habilidades, problematizar no grupo suas ideias quanto às estratégias de ataque e defesa, participação em modalidades individuais e coletivas, ampliação do conhecimento das funções orgânicas relacionadas à atividade motora, valorização e controle das atividades corporais.

Seria importante a pesquisa em livros, revistas e internet sobre práticas da cultura corporal, rodas de conversa, criação de pequenos jogos de exercício, levantamento das dificuldades apresentadas tanto em relação às habilidades e gestos específicos quanto à capacidade física envolvida.

Contudo, analisa-se necessário ampliar a relação entre a escola e um “projeto de cultura”, que sejam atrelados à educação, à cultura corporal e, por consequência, à luta de classe e à emancipação humana. Acredita-se que para o homem constituir-se na sua plenitude, necessita ter acesso às práticas corporais. É preciso formar um sujeito consciente da sua história, de suas características e de seus fundamentos, o que pressupõe o instigar das possibilidades corporais por uma prática pedagógica fundamentada em todos os conteúdos da cultura corporal e não apenas na prática do esporte de rendimento.

Considera-se fundamental o papel contra hegemônico que a escola pode ter, entendendo o esporte como aparelho privado de hegemonia, atrelados a um processo formativo amplo, que deve garantir vivências das práticas corporais em suas diversas dimensões, assim como incitando a capacidade reflexiva dos alunos, buscando uma sociabilidade crítica e incomodada, capaz de se perceber e de se indignar com as contradições da sociedade moderna, as mazelas do capitalismo. Portanto, as possibilidades de trabalho pedagógico mencionadas serão fundamentais para a conscientização de classe, a formação do homem novo, intelectual que irá lutar pela sua classe.

Considerações finais

Analizamos que é necessária uma transformação radical no trato do esporte na escola, atrelando-o a uma função educativa. Acreditamos que a escola pode servir aos trabalhadores, uma educação escolar comprometida com a classe trabalhadora, posto que expressa e alimenta a sua luta. A educação física pode e deve estar envolvida com a busca de elementos que sejam favoráveis ao melhoramento do gênero humano. Analizamos que o esporte deve ser entendido como um aparelho “privado” de hegemonia, podendo integrar o “Estado em sentido ampliado”, atravessado pela luta de classes, alvo de disputa entre classes pela hegemonia.

Entende-se que no Estado tem-se o terreno, o meio e o processo onde a luta pela hegemonia se trava, sendo fundamental uma sociedade civil democrático-radical, na qual a escola pode ter um papel fundamental na luta pelo projeto histórico socialista. Acredita-se ser necessário criar uma nova camada de intelectuais, onde se relaciona a luta pela superação da sociedade de classes, em uma concepção de educação que amplie as possibilidades humanas, acreditando no potencial emancipatório da educação, da escola e do próprio esporte para a formação dos sujeitos de classe.

É necessário ampliar as possibilidades educacionais, alinhando-as a luta mais ampla de mudança radical da educação no Brasil, da socialização do conhecimento, da renda, da terra, enfim, da justiça social. Assim como, é necessário que os conteúdos da educação física sejam socializados na escola, tratados dentro de um projeto maior de política cultural em prol da formação do novo homem e da nova mulher, aprofundando a conscientização de classe, assim como a formação política e a organização revolucionária.

Referências

- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. rev. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2005. (Educação Física). 136 p.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. 2. Ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2008. 200 p.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O conceito de política nos Cadernos do cárcere*. In: COUTINHO, C.N.; TEIXEIRA, A.P. Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 67-82 p.
- DUARTE, Luís Fabrício. *Aproximações exploratórias entre Antonio Gramsci e o esporte*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 297-311, abr./jun. 2012.
- DUARTE, Newton. *Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de a. N. Leontiev*. Cadernos Cedes, Campinas, SP, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004.
- _____. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico social da formação do indivíduo*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. 227 p.
- ESCOBAR, Micheli O; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. *A cultura corporal*. In: HERMIDA, Jorge Fernando (Org.). *Educação física: conhecimento e saber escolar*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 173-180.
- GAMBOA, Sívio Sánchez. *QUANTIDADE-QUALIDADE: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica*. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Sívio Sánchez (Org.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-107
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. volume 2: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 335 p.

_____. *Cadernos do cárcere*. v. 1. 5 ed. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; coedição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 495 p.

_____. *Cadernos do cárcere*. v. 3. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 5ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 432 p.

PINA, Leonardo Docena. *Pedagogia histórico-crítica e transmissão do conhecimento sobre o esporte na educação física*. In: JORNADA DO HISTEDBR, 9., 2010, Belém. [Anais...] Campinas, SP: HISTEDBR- FE/UNICAMP, 2010. v. 1. p. 1-16.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10 ed. rev. Campinas, SP: Autores associados, 2008. 174. p.

_____. DUARTE, Newton (Org.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. 184 p. (Polêmicas do nosso tempo; 113)

SIGOLI, Márcio André; ROSE JUNIOR, Dante de. *A história do uso político do esporte*. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 01-23, 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor). 200 p.

SOUZA, Maristela da Silva. *Esporte escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal*. São Paulo: Ícone, 2009. 174 p.

TAFFAREL, Celi Zulke. *Crônicas esportivas: contagem regressiva para os jogos olímpicos de 2016 NO Brasil*. [Salvador] 2012. Disponível em: <<http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=926>> Acesso em: 8 out. 2012.

Notas:

¹ Docente da Secretaria Estadual de Educação do Pará (Seduc) e da Escola Superior Madre Celeste; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará/Programa de Pós Graduação em Educação - linha de Políticas Educacionais; Especialista em Lazer pela Universidade Estadual do Pará; Graduado pela Universidade Federal do Pará no curso de licenciatura plena em Educação Física. E-mail: gabrielpaes@ufpa.br; gabrieledfisica@hotmail.com

² Acadêmico do quinto semestre do curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará, membro do grupo Linha de Estudo e pesquisa em Educação Física Esporte e Lazer (LEPEL), integrando a linha de produção do conhecimento. Bolsista do programa institucional de bolsa de iniciação a docência (PIBID), com experiência em educação física escolar e produção do conhecimento a partir de vínculos institucionais. E-mail: renan.furtado@yahoo.com.br

³ Possui graduação em Pedagogia pela União das Escolas Superiores do Estado do Pará (1988), Mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Exerceu o cargo de Secretária Adjunta de Ensino da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará (Seduc) no período de 2009/2010. Foi Pró-Reitora de Extensão da Ufpa no período de 2005/2009. Foi Diretora do Instituto de Ciências da Educação no período de 2002-2005. É Professora Associado III da Universidade Federal do Pará. E-mail: neycmo@ufpa.com